

**“O CABA CAVA A COVA E LEVA A VELA PRA NÃO MORRER SEM ELA”:
SENTIMENTOS E HISTÓRIAS DE VIDA, MORTE E DE CORPOS
MUTILADOS NO CAULIM**

INAIRAN CRISTINO CUNHA

FIP-Campina Grande.

inairancunha@gmail.com

O caulim¹ é a principal fonte de emprego e renda de boa parte da população em Junco do Seridó²-Paraíba. Por possuir um imenso potencial caulínífero onde o explora para fins comerciais há mais de 50 anos, durante esse tempo, ele tem sido produzido de forma predatória, utilizando métodos artesanais antigos e precários. Devido a esse fato, as produções científicas feitas por universidades e órgãos competentes das várias instâncias governamentais tinham como denominador comum, em sua grande maioria, a questão econômica e ambiental.

Contudo, fica o seguinte questionamento: e os sujeitos históricos, isto é, os garimpeiros que exploram o caulim, onde estão suas histórias de vida?

Partindo desse lugar comum, por meio das fontes orais, notamos a evidência de dois discursos: um que gera vida, a partir do desenvolvimento do emprego e renda, e da manutenção e fixação da população, de classes diferentes, no município. O outro é o discurso da morte: a partir de técnicas rudimentares empregadas na sua extração,

¹ O caulim é uma argila, normalmente de cor branca, derivada do mineral caulinita, possuindo vários tipos de acordo com sua alvura, grau de cristalização, opacidade, etc. Geralmente é encontrado junto a outros minerais como a mica e o quartzo. Segundo o Anuário Mineral Brasileiro, as reservas brasileiras de caulim são de 708.296.856 ton., na última década houve um acréscimo de cerca de 13,1%. O consumo setorial de caulim no Brasil apresenta as seguintes participações: indústria de papel e celulose (46,7%), indústria cerâmica (33,2%), indústria de tintas e vernizes (8,3%) e outros (11,8%). Dentre estes, destacam-se os produtos farmacêuticos e veterinários, fertilizantes, vidro e borracha (DNPM, 2009).

² Junco do Seridó-PB, localiza-se a 233Km da capital do Estado, no extremo ocidental do planalto da Borborema e encravado na microrregião do Seridó Ocidental Nordeste, com uma população de, aproximadamente, 7 mil habitantes, onde, a maior parte da economia do município está voltada para a mineração, principalmente da extração do caulim, caracterizando-se como um dos principais sustentáculos econômicos do município, juntamente com a agricultura familiar e a venda da castanha do caju (CUNHA, 2006).

observam-se grandes problemas ligados à segurança e saúde dos trabalhadores. (CUNHA, 2009)

Problemas não só de insegurança no trabalho, causados pela falta de equipamentos adequados (capacetes, máscaras, etc.) e pelos desabamentos, mas também, doenças, principalmente respiratórias e lombares, nos fizeram pensar e problematizar a lavra do caulim a partir da possibilidade, paradoxal, do trabalho que dar à vida, também, levar à morte.

Por isso, neste processo de construção documental, objetivamos analisar as histórias de vida dos sujeitos envolvidos diretamente na sua extração, ou seja, os garimpeiros, expressos em seus discursos de vida e de morte. Mesmo porque, devemos compreender os sujeitos históricos [...] “como pessoas vivas, que fazem histórica e culturalmente, num processo em que as dimensões, individual e social, são e estão intrinsecamente imbricadas” (KHOURY, 2000, p.80. apud INÁCIO, 2007, p.157).

A partir da análise dos sentimentos e das identidades expressos nos seus relatos, dentro do contexto histórico e social ao qual estão inseridos esses garimpeiros, bem como, não tendo a intenção de opor um discurso a outro, pelo contrário, idealizamos uni-los na busca de compreender como as pessoas se relacionam nesse ambiente de trabalho precário, compartilhando, assim, com o pensamento de PORTELLI (1997, p.39. apud: INÁCIO, 2007, p.155), quando ele diz que [...] “entrando na história, os historiadores devem permitir as fontes entrarem no contato com seus discursos autônomos”.

Dessa forma, objetivamos problematizar os discursos dos garimpeiros do caulim, discutindo as estratégias de sobrevivência e os sentimentos de vida e de morte, refletindo a construção identitária como a perda de referência e de pertencimento. Também buscaremos: (1) Analisar as histórias de vida dos trabalhadores³ do caulim, debatendo as perdas e os ganhos dessa atividade para a sua sobrevivência cotidiana e as suas angústias de pertencimento; (2) Identificar como os sentimentos de medo, de angústia, de insegurança; a felicidade e a luta diária pela sobrevivência, contribuem na construção e na insegurança da identidade do ser ou estar garimpeiros; (3) Diagnosticar e refletir sobre os acidentes de trabalho provocados por este tipo de atividade, discutindo os medos da morte e as astúcias de vida; (4) Identificar e analisar as

³ Ao longo do texto faremos referências a esse trabalhador com a denominação de garimpeiro.

estratégias utilizadas pelos garimpeiros na prevenção dos acidentes de trabalho dentro das banquetas⁴.

Na busca pela sobrevivência, a garimpagem do caulim, por um lado, é um meio de vida onde as mais distintas classes sociais apropriam-se dos recursos naturais de forma direta ou indireta, garantindo a manutenção e fixação de várias famílias no município; por outro lado, ela é responsável, também direta ou indiretamente, por doenças (a silicose⁵ por exemplo), mutilações e mortes da população local, em especial dos seus trabalhadores. Como reforço para nossa análise, buscaremos obter informações na Secretaria Municipal de Saúde e no Cartório local números que nos permitam diagnosticar e refletir sobre os acidentes de trabalho provocados por essa atividade econômica.

Nesse sentido, pretende-se que o trabalho forneça um diagnóstico histórico e social dos garimpeiros, bem como, a partir de suas histórias de vida e de morte possamos ver além das questões econômicas e ambientais que perpassam a maioria dos discursos sobre o caulim, ou seja, propomos buscar suas experiências cotidianas, as estratégias⁶ de prevenção de acidentes e os sentimentos de vida e de morte que acompanham esses trabalhadores na sua luta diária pela sobrevivência e os quais contribuem na construção de suas identidades⁷.

⁴ São pequenas jazidas de caulim cavadas manualmente, em sentido vertical, ou seja, de cima para baixo, que podem ter dezenas de metros abaixo do solo, sem qualquer proteção seja nas paredes ou no teto.

⁵ A silicose é uma doença pulmonar causada pela inalação de poeiras com sílica-livre e sua conseqüente reação tecidual de caráter fibrogênica (NÓBREGA, 2008). É uma doença profissional progressiva, que leva a uma fibrose pulmonar cada vez maior e para a qual nenhum tratamento curativo existe, o único recurso para evitá-la é a prevenção (SHIBATA et. al., 1981). Deve-se a Collis, através das "Milroy Lectures" em 1915, levar ao conhecimento da relação entre a doença pulmonar dos mineiros e o dióxido de silício, SiO₂. Os estudos [...] basearam-se fundamentalmente em atestados de óbitos, levando em consideração não somente os trabalhadores expostos a poeiras, mas também a população não exposta. [...]. Assim, assinalava ele que [...] o estudo da prevalência da tísica em ocupações onde há exposição a poeiras demonstrou não existir correlação definida entre a quantidade de poeira presente e a prevalência da doença"mas que [...] outras evidências demonstraram que, sempre que a tísica está presente, um tipo especial de poeira também está presente, a saber: poeira de sílica cristalina"(SHIBATA et. al., 1981). Vale salientar que essas doenças se manifestam a partir de certo período de tempo, podendo variar de, aproximadamente, 4 a 25 anos de exposição à poeira sílica (SHIBATA et. al., 1981) e, no caso de Junco do Seridó, pelo fato dos trabalhadores iniciarem nessa atividade por volta dos 13 ou 14 anos, se faz necessário um estudo aprofundado sobre essas doenças, principalmente as respiratórias.

⁶ Esse conceito vai ser discutido a partir de CERTEAU (2004).

⁷ Para discutirmos a questão da identidade, utilizaremos Stuart Hall e Tomaz Tadeu da Silva (In. SILVA, 2000).

O trabalhador – qualquer que seja a profissão exercida por ele – é um sujeito que tem emoções⁸, nesse sentido, o presente trabalho busca problematizar os sentimentos dos garimpeiros relacionados à sua atividade cotidiana de extração do caulim nas banquetas.

As nossas pesquisas preliminares indicaram que os garimpeiros, em sua grande maioria, expressam sentimentos de vida e de morte diante do trabalho que efetuam, por isso, concordamos com o conceito de sentimentos de Jean-Louis Flandrin, discutidos no trabalho de PROCHASSON (2005, p. 310), onde ele descreve que:

[...] não há compreensão possível do que sentem os outros, tanto quanto se permanece estrangeiro à consciência que tem. [...] não se pode aproximar a realidade humana de uma conduta senão através da consciência que os sujeitos têm dela [...] nossos sentimentos não nos são perceptíveis, a menos que se encerrem em palavras, nas imagens que esta cultura nos oferece.

Foi para podermos entender esses sentimentos, para não sermos “estrangeiros” a essa realidade e porque essas emoções têm que ser expressas em palavras para que possamos compreendê-las, que intencionamos fazer entrevistas com os garimpeiros na busca de encontrarmos um panorama que representem o modo de ver e de pensar sua vida e sua atividade profissional, mesmo porque, [...] “a história oral no trabalho com a população, tem possibilitado o resgate de experiências, visões de mundo, representações passadas e presentes (MONTENEGRO, 1994, p.27)”.

A extração do caulim diretamente nas banquetas é um trabalho muito perigoso, pois, devido às técnicas rudimentares utilizadas e a profundidade que eles escavam – podendo chegar a 50m de profundidade cada banqueta –, os riscos de desabamentos e a falta de oxigenação são uma constante nessa atividade, como podemos observar na fala do entrevistado⁹, onde ele revela, mesmo que indiretamente, suas estratégias e táticas na tentativa de prevenir esses acidentes.

⁸ [...] “conjunto de movimentos afetivos, mais ou menos estáveis, engendrados pelo choque de um estado individual com a análise de uma situação (PROCHASSON, 2005, p. 312)”.

⁹ O Entrevistado 1 nasceu em 04/02/1989, tem 20 anos, é alfabetizado e garimpeiro há 07 (sete anos), iniciando sua jornada às 04 horas da madrugada e encerrando-a por volta das 11 horas do dia, perfazendo entre 20 e 25 horas semanais. Trabalha extraíndo o caulim dentro das banquetas, as quais podem chegar a 20 metros de profundidade, aproximadamente. Transportando o material coletado de forma manual e sem uso de aparelho de proteção como máscara e capacete. Sofre com problemas de sinusite. Entrevista concedida em 24/09/2009.

Quando chega de madrugada pega a lanterna e sai alumiando para vê se num tem barreira arriando. O caba faz porque faz mesmo, mas quando vem não avisa não, não dá tempo não. [...] O caba trabalha no claro das velas mesmo lá embaixo, é escuro, é um maço, 2 por dia. [...] É tudo pra um canto e pra outro, se você pegar um material de mais de 15 metros, você vai deixando um pilar no meio, se você cava o pilar ele arreja. É por isso que arreja, quando a banquetta ta só o oco vai tira o pilar e ai ele arreja. [...] É tão alto (a banquetta) que você leva uma lanterna e o claro fica fraco lá em cima. Esse povo mais velho diz uma história que o homem é um bicho danado e é mesmo, o caba cava a cova e leva a vela pra não morrer sem ela, é o ditado do banqueiro.

Podemos perceber neste relato as estratégias quando ele nos diz que utiliza uma lanterna para observar as paredes da banquetta e a vela para iluminar a escuridão do túnel cavado. Mesmo porque, as banquettas possuem pouca ou quase nenhuma iluminação e o escoramento das mesmas, é feito a partir da pilastra do próprio caulim, deixada entre os túneis que vão se formando com a retirada do material e que serve de sustentáculo para banquetta, isto significa dizer que o escoramento artificial é inexistente.

Para a discussão dos conceitos de estratégia e tática utilizaremos CERTEAU (2004), tendo em vista que esse autor pensa o primeiro postulado da seguinte maneira: [...] “estratégia é o cálculo (ou a manipulação) das relações de forças (p.99)”. A utilização da vela e da lanterna é uma busca dessa manipulação, pois, ambas servem para iluminar a escuridão dentro da banquetta e a primeira, mais especificamente, serve também como análise do oxigênio que vem das “bocas” da mesma, pois, para o trabalhador da lavra do caulim, quando o fogo da vela começa a ficar fraco é sinal de que o ar respirável está acabando. Neste caso, a vela toma um duplo sentido, qual seja: ela é uma estratégia de vida, ao clarear a escuridão e verificar a circulação de ar na banquetta; ao mesmo tempo, ela é uma simbologia da morte do ponto de vista religioso, como foi relatado pelo entrevistado de número 1 acima.

Uma segunda utilização da estratégia consiste no fato desses trabalhadores permanecerem no lugar em que vivem sem precisarem se deslocar para centros maiores nos períodos de seca – como era comum em outras épocas – também é uma manipulação dessa relação de forças, logo, [...] “a estratégia postula um lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio [...] (CERTEAU 2004, p.99)”.

Enquanto isso, CERTEAU, ao se referir à tática, afirma: [...] “chamo de tática a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio (2004, p.100)”. Este

lugar da tática para o garimpeiro pode ser a utilização da estrutura da banquetta, com a edificação de bases naturais dentro dos túneis – as pilastras –, como garantia da vida e adiamento da morte, diminuindo, assim, os riscos de desabamento.

A identidade dos trabalhadores da lavra do caulim é permeada por sentimentos de felicidade, angústia, insegurança e medo. Emoções que vão moldando a personalidade do garimpeiro no seu dia-a-dia, levando-o a um processo constante de mudança pessoal, embora os mesmos não percebam ou não se dêem conta dessa relação. Por isso, nos apropriamos de HALL (2000) como referencial para buscarmos entender que tipo de identidade está sendo construída pelo garimpeiro, tendo em vista que, o mesmo, ao trabalhar as identidades na pós-modernidade, diz que

[...] elas são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; que elas não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos. As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação (In. SILVA (org.), p.108).

Para corroborar com o que foi dito, observemos SILVA (2000):

[...] a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada (pp. 96/97).

Na sua luta diária pela sobrevivência, o garimpeiro é obrigado a enfrentar à morte constantemente, tendo que suprimir seus sentimentos, em especial o medo, para poder seguir em frente na sua jornada, fomentando, assim, um processo de (re) construção diária de sua identidade.

Pesquisador: Quando você sai de casa para o trabalho em quê você pensa?

Entrevistado 1: Fica só imaginando que vai, mas não sabe se volta, o caba sabe que vai, mas não sabe se volta vivo.

Pesquisador: Quando você pensa nisso, dá medo?

Entrevistado 1: Dá, mas é o jeito a gente enfrentar, se não enfrentar o caba não vai pra frente.

Esse sentimento de medo expresso por quem está trabalhando nas banquettas, como pudemos observar nas palavras do entrevistado1, não é seguido pelo garimpeiro¹⁰

¹⁰ Vamos denominar esse garimpeiro de Entrevistado 2. Nascido em 31/10/1984, tem 24 anos de idade, é alfabetizado, foi garimpeiro durante 9 anos e hoje está desempregado. Sofreu seu acidente a 5 anos, na

que teve seu corpo¹¹ mutilado e hoje não pode exercer seu ofício, mas que é um sobrevivente¹² dessa atividade de lavra do caulim, embora, devemos ressaltar que ela não costuma deixar vivo quem sofre acidentes.

Ao invés disso, o entrevistado2 manifesta um misto de sentimentos: felicidade – por estar vivo – e de tristeza – por não poder mais trabalhar –, como ele mesmo revela no diálogo abaixo:

Pesquisador: Na tua vida hoje, quais os teus sentimentos?

Entrevistado2: Hoje eu sinto felicidade e tô tranqüilo com a minha vida, porque passar pelo que eu passei e ta vivo o cara tem que ta alegre, agradecer primeiramente a Deus e segundo a quem cuidou de mim e hoje tô feliz porque tô em cima do chão, tem muitos por ai que trabalhou e não pode dizer isso. Porque desse acidente muita gente dizia que eu não andaria também.

Pesquisador: E qual outro sentimento?

Entrevistado2: Só tristeza por não poder trabalhar mais, mas alegria por estar vivo.

Diante desses relatos de sentimentos, principalmente de medo da morte, quais são os códigos identitários construídos pelos próprios garimpeiros? Sabendo que a identidade é produzida na relação de alteridade, quem é o *outro*¹³ desse trabalhador?

A partir das histórias de vida no garimpo relatadas pelos entrevistados e apropriando-se das memórias¹⁴ do entrevistado1, observamos que sua construção

época trabalhava em céu aberto, embora fosse embaixo na banqueta, com uma jornada de 40 horas semanais, transportando o peso manualmente. Ele descreveu seu acidente ao pesquisador da seguinte forma: *Como foi teu acidente? Eu tava enchendo o segundo carro na parte da tarde, quando a gente colocou a segunda concha em cima do carro, ai eu fui tombar a concha pra ela não bater na barreira e ai, a corda enganchou na mão. O que é a concha? A concha é onde coloca o caulim pra levar pra cima, é tipo um tambor só que de ferro. Ai quando puxei ela rodou na mão e me puxou, ai subi gritando, quando chegou com uma base de 90 palmos mais ou menos (isso equivale a, aproximadamente, 20m de altura), aquela concha pesada com mais de 100Kg com o meu peso ela saiu batendo na parede e ai a corda soltou da minha mão e ai eu cai, bati em baixo na laje, eu descii em pé, ai bati de lado na barreira, ela me jogou pra cima da concha, eu quebrei as duas pernas e fracturei bacia e coluna.* Entrevista concedida em 30/09/2009. O entrevistado2, atualmente, anda com dificuldades, não podendo firmar o peso nas pernas, contudo, não foi aposentado pelo INSS.

¹¹ A utilização do termo corpo é no sentido anatômico da palavra.

¹² Adotamos o conceito de SELLMANN-SILVA (p.198), para este autor [...] “sobrevivente quer dizer também que a pessoa assim denominada conheceu a morte de perto. O sobrevivente como que carrega consigo a experiência de algo inexperienciável, que é a morte ou algo muito próximo a ela [...] (In. ERTZOGUE & PARENTE (orgs.), 2006)”.

¹³ Segundo HALL (2000) [...] “as identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela. Isso implica o reconhecimento radicalmente perturbador de que é apenas por meio da relação com o Outro, da relação com aquilo que não é, com precisamente aquilo que falta, [...] mesmo que esse outro que lhe falta seja um outro silenciado e inarticulado [...] (In. SILVA (org.), p.110)”.

¹⁴ O termo memória aqui utilizado segue o pensamento de BOSI (1999, p.54), quando ela afirma que [...] “a memória do individuo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a

identitária não é feita a partir do *outro*, do estranho, mas sim, do cotidiano do trabalho. É uma identidade tão marcada pelo medo da morte que o torna indiferente à própria morte, fazendo com que os outros sentimentos de felicidade, angústia e insegurança estejam interligados a essa idéia de não querer lembrar, pois, “a lembrança é a sobrevivência do passado [...]”¹⁵.

Corroborando com o exposto acima, vejamos o que disse o entrevistado 1:

[...] Quando eu tô fora da banqueta eu nem penso, só penso mesmo quando vou sair e quando chego lá esqueço também, parece que tô na escola, não dou muito valor em ta falando. [...] Quando o caba sai de dentro fica feliz, mais feliz quando termina a semana, quando chega à sexta-feira que o caba sai de lá, não tem coisa melhor, além do caba, os companheiros do caba sai dali de baixo, Deus nos defenda, nesses dois dias se der alguma coisa não tem ninguém lá.[...] O caba se acostuma, como eu já vi tirar o caba morto lá de dentro, você passa uns 15 dias um mês abalado, mas o caba esquece. O dinheiro é certo, o caba nem liga. Liga assim porque o caba é humano, mas o caba nem se lembra daquilo que viu, eu mesmo não lembro não, não tô nem ai.

Portanto, nesse sentido, percebe-se nesse relato que a sua luta diária é algo tão substancial e intenso, deixando transparecer que o mesmo não busca um processo identitário, uma identidade para ele, mas códigos de vida e morte, como se fosse à negação da própria existência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALENCAR Júnior, José Sydrião. **Perfil econômico da Paraíba**. Fortaleza: Banco do Nordeste, 2002.

ALMEIDA, Iaponan Cardins de Sousa & FERREIRA, Joana Darc Araújo. **Lavra garimpeira: problema e solução – O caulim como alternativa na geração de renda e fator de risco ambiental no município de Junco do Seridó-PB**. II SEMILUSO - Seminário Luso-Brasileiro Agricultura Familiar e Desertificação. João Pessoa: UFPB, junho/2008.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

escola, com a igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo”.

¹⁵ BOSI (1999, p.53).

CENTRO DE TECNOLOGIA MINERAL – CETEM, disponível em: <http://www.cetem.gov.br/publicacao/CETEM_SRO_01.PDF>. Acesso: 01/09/2009.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Trad. Maria de Lourdes Menezes. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

_____. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Trad. Ephraim Ferreira Alves. 10.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CUNHA, Inairan Cristino. **Representações sobre o Regime Militar Brasileiro (1964-1985)**: Um estudo no município de Junco do Seridó-PB. Monografia de Conclusão do Curso de Licenciatura Plena em História da UEPB, Campina Grande-PB, 2006.

CUNHA, Ives Chrístien. **Beneficiamento do caulim na região pegmatítica da Borborema e alternativas para o aproveitamento do resíduo gerado**. Monografia de Conclusão do Curso de Química Industrial pela UEPB, Campina Grande-PB, 2009.

DEPARTAMENTO NACIONAL DE PRODUÇÃO MINERAL – DNPM. Acesso: <<http://www.dnpm.gov.br>>. Acesso: 01/09/2009.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Eletrônico Aurélio versão 5.0**. 3.ed., 1ª. Imp. revista e atualizada do Aurélio Século XXI. Edição eletrônica autorizada a POSITIVO INFORMÁTICA LTDA. ©2004 by Regis Ltda.

HAROCHE, Claudino. **Maneiras de ser, maneiras de sentir do indivíduo hipermoderno**. Ágora: Rio de Janeiro, vol.7, nº 2, Julho/Dez. 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982004000200003 . Acesso: 05/09/2009.

INÁCIO, Juliana Lemes. **A história oral na investigação das práticas sociais vividas por trabalhadores em Tapuirama, Uberlândia-MG**. Cadernos de Pesquisa do CDHIS, nº 36/37, ano 20, p. 153-162, 2007. Artigo retirado da internet em 18/09/2009.

MELLO, Livia da Silva, et. all. **Beneficiamento de Caulim Pegmatítico da Região Borborema-Seridó**. XIV Jornada de Iniciação Científica – CETEM, s/d.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História Oral e Memória: A Cultura Popular Revisitada**. 3.ed. São Paulo: Contexto, 1994.

NÓBREGA, Francisco José Donato da. **Impacto do resíduo do caulim no meio ambiente: o que a educação pode fazer?** Monografia de Conclusão do Curso de Licenciatura Específica em Biologia pela Universidade Aberta UMA-VIDA/Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA. Patos-PB, 2008.

NÓBREGA, Jorge Douglas. **Viabilidade sócio-econômica do processo de exploração do Caulim no município do Junco do Seridó PB**. Monografia de Conclusão do Curso de Licenciatura Plena em Geografia pela UEPB, 2005.

PROCHASSON, Christophe. **Emoções e política: primeiras aproximações**. Trad. René Lommez. Belo Horizonte: Varia História, vol.21, nº 34, p. 305-324, julho 2005.

SANTOS, Aldo Augusto dos. **Mudança de vocação:** A ascensão da exploração do caulim e o declínio da agricultura no município de Junco do Seridó-PB. Artigo de conclusão da Especialização em Geopolítica e História pela Fundação Francisco Mascarenhas/FIP. Patos-PB, 2009.

SANTOS, Andrea Paula dos. **História de vida dos trabalhadores da economia solidária em Ponta Grossa e na região dos Campos Gerais:** memória, identidade e história oral. Artigo retirado da internet em 18/09/2009.

SELLIGMANN-SILVA, Márcio. Autobiografia, confissão, medo e testemunho: reflexões sobre uma voz dos cárceres brasileiros. In: ERTZOGUE, Marina Haizeureder & PARENTE, Temis Gomes (orgs.). **História e sensibilidade.** Brasília: Paralelo 15, 2006, p. 179-204.

SERVIÇO BRASILEIRO DE RESPOSTAS TÉCNICAS – SBRT - <http://www.sbrt.ibict.br>. Acesso: 01/09/2009.

SHIBATA, Harry et. al. **Ocorrência de silicose entre trabalhadores da indústria cerâmica da cidade de Jundiaí, SP (Brasil).** Rev. Saúde Pública vol.15, nº 3. São Paulo, Junho 1981. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=89101981000300003. Acesso: 05/09/2009.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado:** História Oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.